

Inadimplência da classe média tem crescimento mais rápido

Conjuntura Fatia de pessoas com dívida em atraso na faixa de cinco a dez salários mínimos passa de 20,4% para 22,6% em quatro meses

Classe média é quem mais sofre com alta da inadimplência

Alessandra Saraiva
Do Rio

A inadimplência cresce, neste ano, em ritmo mais acelerado nas famílias do núcleo da classe média, com ganhos entre cinco a dez salários mínimos mensais. O alerta parte da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que realizou recorte exclusivo sobre o tema a pedido do Valor com base na Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), que abrange 18 mil famílias no país.

No levantamento, a entidade apurou que, de janeiro a abril de 2023, a fatia de inadimplentes nesse grupo de renda bateu recorde, além de avançar mais rápido que em outras três faixas pesquisadas. Para especialistas, o cenário indica o momento mais apertado da classe média este ano, com pouco fôlego para quitar em dia os empréstimos contratados.

"Temos cada vez mais pessoas atrasando pagamentos mês a mês, nessa faixa de renda", diz Izis Ferreira, economista da CNC responsável pela Peic e pelo recorte dos dados. O trabalho mostra que, de janeiro a abril, saltou de 20,4% para 22,6% a fatia de inadimplentes com renda de cinco a dez salários mínimos. Foi a maior proporção de inadimplência nessa faixa em toda a série histórica da pesquisa, iniciada em maio de 2021.

Ferreira explica que na Peic não é normal avanço de mais de dois pontos percentuais para o dado de inadimplência em período tão curto de tempo. Na média de todas as faixas de renda, por exemplo, esse dado melhorou de janeiro a abril, com a fatia de inadimplentes caindo de 29,9% para 29,1%.

Ocorre que nos quatro primeiros meses do ano a parcela de famílias com contas em atraso caiu ou subiu menos nas outras faixas de renda da pesquisa. Na baixa renda, que considera de zero a três salários mínimos, a fatia de inadimplentes diminuiu de 38,7% para 36,3%. Na faixa de três a cinco salários mínimos, a parcela de inadimplência subiu de 27,2% para 27,3%, já na acima de dez salários, o dado subiu de 13,5% para 13,9%.

Uma série de razões levou ao atual cenário, segundo Ferreira. A classe média é uma faixa de renda que não tem o "colchão de proteção" de rendimentos das camadas mais ricas e tampouco é alvo de programas de transferência de renda, caso do Bolsa Família, diz Ferreira.

Marcelo Neri, diretor do centro de políticas sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), concorda. "E, nos últimos anos, tivemos grandes choques adversos, a começar pela pandemia. [A renda dos] pobres foi 'preservada' na pandemia", acrescenta, ao citar programas de transferência de renda para classes de renda mais baixa a partir de 2020. "Desde a pandemia, e continuando agora, essa classe média não tem as benesses públicas nem os ativos da renda mais alta", afirma.

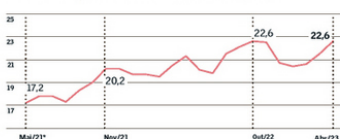
Neri estima que a classe média corresponde a cerca da metade da população do país — o último dado disponível indicava contingente populacional total no Brasil de cerca de 200 milhões de pessoas. As crises dos últimos três anos causaram duro golpe na renda da classe média, diz o economista. Ele ci-



Marcelo Neri: "Classe média tem recorrido cada vez mais a empréstimos, principalmente no cartão de crédito"

Inadimplência entre 5 e 10 salários-mínimos

Fatia de inadimplentes nessa faixa bate recorde (em %)



Cartão de crédito em atraso

Fatia de inadimplentes no cartão com renda entre 5 e 10 salários-mínimos (em %)

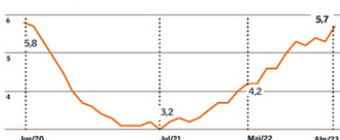


Foto: Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC e Levantamento XP com base em dados do IBC. *Faixa de renda para recorte.

tos dados do mais recente estudo que realizou: "O Mapa da Riqueza no Brasil". Nessa pesquisa, a faixa considerada como classe C por Neri foi aquela com renda domiciliar entre R\$ 2.284 a R\$ 9.847 mensais. No trabalho, ele projetou que, em 2020, a renda da classe média caiu 4,2%. Em contrapartida, a renda dos mais ricos caiu 1,5% e a renda dos 40% mais pobres cresceu 0,2% naquele ano.

Desde então, diz Neri, o que se observa é que a classe média tem recorrido cada vez mais a empréstimos, principalmente no cartão de crédito, para despe-

"Hoje, temos uma classe média mais desprotegida para inadimplência"
Rodolfo Margato

nas do dia a dia. E nem sempre consegue quitar obrigações. "As taxas de juros estão cada vez mais altas", diz Neri. Essa situação torna mais caro o pagamento de serviço de dívida.

Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva, que mapeia tendências da sociedade e da economia, afirma ainda que a classe média tem mais acesso a diferentes tipos de crédito. "A baixa renda não tem cheque especial e tem limite de cartão baixo". E acrescenta: "A classe média tem potencial de se endividar mais, com juros mais altos, do que outras camadas econômicas, e tem assumido dívidas cada vez mais caras, como o cartão". E conclui: "É aí [quando não se paga] vira uma 'espiral' de cartão, um efeito de bola de neve, com os aumentos dos juros".

Thiago Basílio, subcoordenador do núcleo de defesa do consumidor (Nudecon) da Defen-

soria Pública do Estado do Rio, vê bem de perto essa "espiral". Basílio atua em renegociações de inadimplentes com bancos e esse trabalho só tem aumentado, de acordo com ele: "Nosso atendimento não é um dado estatístico preciso", diz e reconhece que a avaliação que faz é mais empírica: "Mas sentimos que quase dobrou [o atendimento a inadimplentes] desde a pandemia." Ele vai além: "Vemos a classe média 'rolando dívida' cada vez mais, ao ponto que a pessoa nem lembra qual a dívida original do contrato dela, com juros mais elevados" afirma.

Rodolfo Margato, economista da XP Investimentos, ressalta que a inadimplência aumentou para todas as faixas de renda desde a pandemia. Mas a grande questão, afirma, é que a classe de renda média conta com menos recursos do que outras para lidar com a situação. Houve melhora no mercado de trabalho, a partir do ano passado, com continuidade neste ano, o que elevou renda, reconhece. "Mas foi [um aumento] em cima de uma base [de renda] deprimida pela pandemia", completa. "Hoje, temos uma classe média mais desprotegida para inadimplência."

Margato comenta que há expectativa de corte na taxa básica de juros (Selic), atualmente em 13,75% ao ano, nível que representa o maior patamar desde janeiro de 2017. Com a queda da Selic, esperada por ele a partir de agosto, caem os juros em todo o mercado, e isso pode ajudar a classe média a pagar serviço de dívidas atrasadas. "Mas [se houver o corte] será gradual", estima, citando projeções da XP, de Selic a 12% ao término de 2023; e 11% no fim de 2024.

"Acho que a inadimplência na classe média pode melhorar de forma gradual no ano que vem" diz. E acrescenta: "Para esse problema, não existe solução de curto prazo. Não tem bala de prata", finaliza.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 7